

O Ensinar e o Aprender por meio de Projetos: cooperação e cidadania

Teaching and Learning through Projects: cooperation and citizenship

Franciele Siqueira Radetzke (francielesradetzke@gmail.com)
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Cerro Largo

Resumo: Um ensinar e aprender engajado a concepções de uma cidadania responsável é a temática norteadora deste relato de experiência. O objetivo central é discutir questões relacionadas ao ativismo-sociopolítico (SCHEID, 2016) com o processo de ensinar e aprender por meio de Projetos. Tal metodologia oportuniza situações de cooperação e cidadania. O diálogo remete-se ao desenvolvimento do programa A União Faz a Vida, oportunizado pela Fundação Sicredi e desenvolvido junto às escolas públicas. As etapas de trabalho aqui discutidas compreendem i) Currículo; ii) Expedição Investigativa; iii) Projetos e iv) Comunidade de Aprendizagem, todos imbrincados na inter-relação cooperação e cidadania com viés para o desenvolvimento de um cidadão cooperativo. Na escrita dois movimentos são ressaltados, um com professores e o outro com alunos. Tal abordagem metodológica tem se mostrado válida no contexto escolar, uma vez que oportuniza durante a Expedição Investigativa uma apropriação da realidade que entrelaçado aos trabalhos escolares possibilita a capacidade de atuação de maneira crítica e responsável.

Palavras-chave: Ativismo-Sociopolítico; Currículo; Comunidade de Aprendizagem.

Abstract: Teaching and learning engaged in conceptions of responsible citizenship is the guiding theme of this experience report. The central objective is to discuss issues related to socio-political activism (SCHEID, 2016) with the process of teaching and learning through projects. Such methodology provides situations of cooperation and citizenship. The dialogue refers to the development of the Unity Makes Life program, promoted by the Sicrede Foundation and developed with public schools. The working steps discussed here include i) Curriculum; ii) Investigative Expedition; iii) Projects and iv) Learning Community, all intertwined in the interrelationship cooperation and citizenship with bias for the development of a cooperative citizen. In writing two movements are highlighted, one with teachers and the other such methodological approach has been valid in the school context, since it allows during the Investigative Expedition an appropriation of reality that intertwined with school work enables the ability to act critically and responsibly.

Keywords: Sociopolitical Activism; Curriculum; Learning Community.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

O atual cenário educacional brasileiro instiga o contexto escolar atuar de maneira a inferir um processo de produção de conhecimentos que extrapole os muros da escola e se faça ativo no social. De acordo com Scheid (2016) o que se almeja é a passagem da sensibilização para a ação dos estudantes, ou melhor, a (re) colocação destes como produtores ativos do conhecimento na tentativa de mudar situações e comportamentos no qual se encontram inseridos.

Tais concepções de acordo com Scheid (2016) vinculam-se ao termo ativismo-sociopolítico num diálogo com as concepções de Reis (2009, 2013). Uma vez que a ação sociopolítica se faz necessária para que os estudantes sejam conscientes e estejam ativamente envolvidos no processo de aprendizagem e a isso se dá o nome de ativismo (op.cit. 2016).

Ainda no final da década de 90 já se mostrava preocupação para a produção de conhecimentos para além da aprendizagem de conteúdos científicos. Como referenciado nos documentos curriculares que orientavam as ações escolares (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e Diretrizes Curriculares Nacionais (2013)) orientando que as ações docentes possibilitem aos estudantes que

[...] desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludentes (BRASIL, 1997, p.33).

À vista disso a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomenda o desenvolvimento de competências e habilidades destacando que “aprender Ciências não é finalidade última do letramento, mas, sim, o desenvolvimento da capacidade de atuar no e sobre o mundo, importante ao exercício pleno da cidadania” (BRASIL, 2017). No entanto, mesmo a produção de conhecimentos com foco na cidadania ser tema de

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

discussão a mais de 20 anos em contexto brasileiro, observa-se que precisamos avançar a passos largos na direção de fazer acontecer de fato essas implicações.

Em contexto da sala de aula ainda observa-se uma concepção de ensino arcaica baseada na transmissão de conhecimentos científicos alienada a um ensino que promova a cidadania responsável e tão pouco direcionada a apropriação e atuação na realidade em que se encontram inseridos os estudantes. Scheid (2016) ao discorrer sobre tais concepções destaca o atual compromisso das Instituições Escolares

as Instituições escolares não tem apenas o compromisso de preparar os alunos para receber a herança cultural e compreender os conhecimentos científicos produzidos pela humanidade [...] a escola precisa ter presente sua finalidade democrática e emancipadora e, por isso, deve levar em consideração as dimensões sociais e políticas do ensino (SCHEID, 2016, p. 93).

Em contexto internacional, ensejos de uma cidadania responsável também é tema de discussão ao se inferir pressupostos da Educação Científica. Nesse viés, a União Europeia lança uma lista de objetivos ambiciosos a serem alcançados destacando que enfrentam um déficit de pessoas conhecedoras da Ciência em todos os níveis da sociedade e da economia. E ainda sublinha que diante de uma noção de mundo cada vez mais interconectado e competitivo advém os desafios de envolver toda a sociedade em processos de pesquisa e inovação (UNIÃO EUROPÉIA, 2015).

Como primeiro objetivo destaca que “a educação científica deve ser um componente essencial de uma aprendizagem contínua para todos, da pré-escola à cidadania ativa e engajada” (UNIÃO EUROPÉIA, 2015 [tradução própria]). Diante de tal objetivo, observo os desafios da escola diante de sua função social. A qual deve possibilitar aos estudantes empoderamento científico para atuar na sociedade, sempre pensando na função social que o conhecimento pode desempenhar.

Dessa maneira o contexto atual da sala de aula, nos remete a pensar em diferentes concepções de ensino que de acordo com Richter (2017) se estabelecem e níveis hierárquicos,

em um extremo dessa classificação, existem concepções arcaicas, que são aquelas de caráter conservador, que se oponham às mudanças. No outro extremo estão as concepções críticas e transformadoras, como formas de

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

pensar constantemente refletidas, reelaboradas. Em intermédio a esses dois extremos existem outras concepções (RICHTER, 2017, p.30).

Assim, as concepções de ensino como norteadoras do processo de aprendizagem precisam ser direcionadas a um pensar social e transformador alocando a tríade - ciência, inovação e sociedade - e dessa forma usar dos conhecimentos científicos produzidos como fator variante diante das situações que a sociedade nos coloca. Ao direcionar as concepções de ensino para o extremo crítico e transformador é “reconhecer que o exercício livre e responsável da cidadania exige das pessoas a capacidade de pensar e a sabedoria para decidir com base numa informação e em conhecimentos sólidos” (ALARCÃO, 2011, p.20).

Em termos de um mundo cada vez mais interconectado e competitivo como referido pela própria União Europeia (2015) é preciso conhecer que a ação individual e contrária e por isso da necessidade de se pensar no coletivo. Em vista disso, a presente escrita, busca descrever encaminhamentos e reflexões que emergem da realização do programa *A União Faz a Vida* desenvolvido em escola pública do interior de Porto Lucena- RS, promovido por meio de uma das ações sociais do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi). Em sua essência o projeto busca a produção de vivências de atitudes e valores de cooperação e cidadania preconizando uma educação diferenciada em que mostra uma preocupação com o processo de construção de conhecimentos e não apenas com a quantidade de conhecimento processada (FUNDAÇÃO SICREDI, 2008). Na sequência, os encaminhamentos metodológicos que direcionaram as ações do programa na referida escola.

2. O ENSINAR E O APRENDER POR MEIO DE PROJETOS: UM CAMINHO POSSÍVEL

Em ritmo ainda de férias, os Professores de uma escola do interior de Porto Lucena são convocados pela secretária Municipal de Educação a participarem de um encontro de formação e orientações sobre o programa *União Faz a Vida* a ser desenvolvido na referida escola. Todos participaram no dia da tal formação. Um encontro que sinalizou

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

desafios e mostrou aos presentes que muito precisa ser investigado no município, inter-relacionando a escola, cooperação e ações de cidadania.

Em tal ocasião após discussões sobre os principais enfoques do programa e ainda sobre atitudes de cooperação, os professores foram instigados/desafiados a pensarem/participarem de um projeto, como viés de um exemplo, para posterior elaboração juntamente com os alunos na escola. Assim os professores foram alocados em dois grupos de trabalho, no qual um trabalharia com questões relacionadas ao Museu Municipal e o outro com o Hospital Municipal. As etapas de trabalho compreendiam i) Currículo; ii) Expedição Investigativa; iii) Projetos e iv) Comunidade de Aprendizagem, todos imbrincados na inter-relação cooperação e cidadania com viés para o desenvolvimento de um cidadão cooperativo. A figura seguinte mostra de forma ilustrativa as etapas/metodologia do programa:

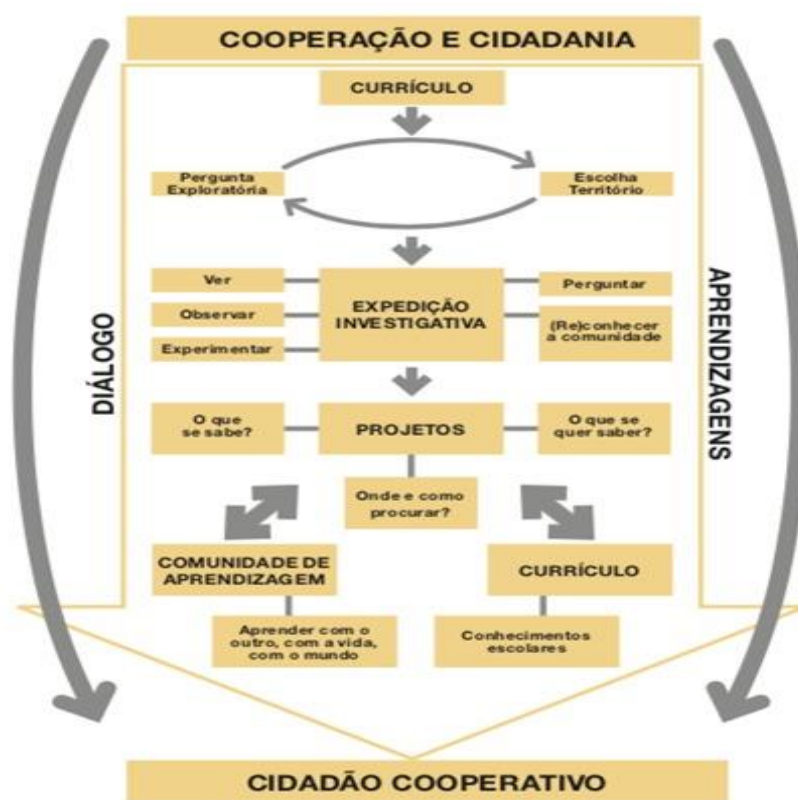


Figura 1: Metodologia do programa a União Faz a Vida desenvolvido pela fundação SICREDI

Fonte: Fundação SICREDI. Programa a união faz a vida: vivenciando trajetórias cooperativas.

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

Dessa forma, a primeira etapa foi pensar no currículo (o que se buscava trabalhar) e assim a coordenadora definiu os locais de trabalho (museu e hospital). Para as discussões posteriores cada grupo precisou definir algumas perguntas a serem exploradas na expedição investigativa (visita ao local escolhido). Para o diálogo me reporto ao museu, tendo em vista que foi esse o grupo do qual participei.

As perguntas exploratórias produzidas pelo grupo foram: O que tem nesse lugar? E que história conta esse lugar? Tais questionamentos nortearam a visita ao Museu Municipal no diálogo com o zelador do local, bem como na observação e reconhecimento da importância do mesmo para a comunidade. Sendo formulada como questão a importância do mesmo ao preservar dados da história de um povo e a constituição do município e que no momento carece de atenção e recursos para reforçar um viés de sua manutenção. A figura 2 mostra algumas colocações destacadas pela expedição investigativa.

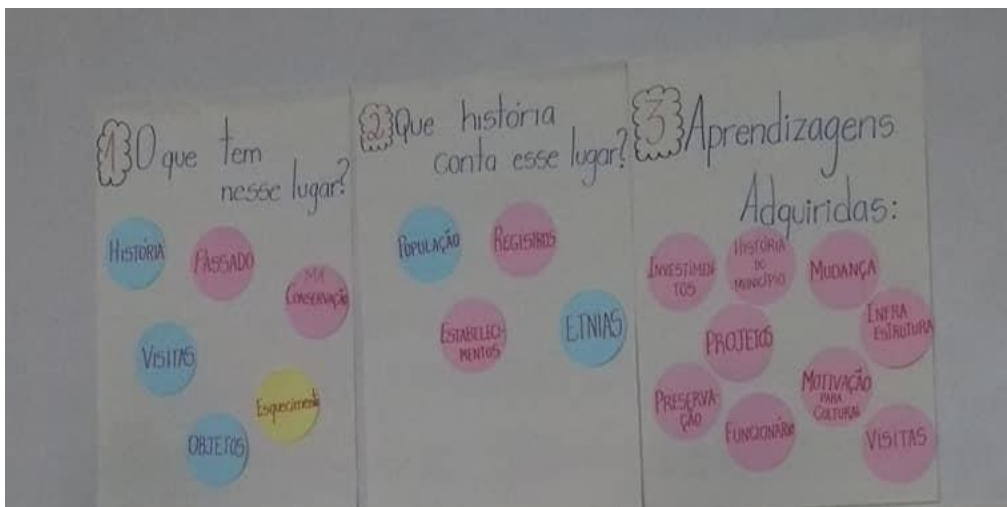


Figura 2: Dados obtidos a partir da expedição investigativa.

Fonte: Professores participantes do Programa a União Faz a Vida

Pertinentes de que tal espaço necessitava de atenção, os Professores se mostraram motivados e desafiados a estudarem a questão, convictos de que uma mudança precisava ocorrer. Assim, foram desafiados a pensarem em projetos que vinculassem o tema em estudo ao seu melhoramento levando em conta questões sobre as quais sabiam e queriam saber e ainda sobre onde e como perguntar. Destaco que a escrita de um projeto visando

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

reformas da estrutura material do prédio não foi o foco de interesse nesse caso, mas sim a vinculação de tal projeto com o currículo e com a comunidade de aprendizagem que poderiam estar envolvidos.

As disciplinas elencadas pelo grupo para a discussão da situação do prédio foram: História (história do museu, constituição do município, etnias, colonizadores...), Geografia (território, localização, população, fronteiras...), Português (produção e interpretação de textos históricos), Ciências (higiene, hábitos, qualidade de vida...), Artes (objetos decorativos, cultura...) e Matemática (noções de tempo, sistema monetário...). E a comunidade de aprendizagem destacada como fomento para a investigação investiu em pessoas idosas com relatos/narrativas sobre a história do museu, médicos ou enfermeiras para tratarem questões como a de saúde já que o prédio encontra-se em fase terminal e devastado pelas traças com uma parte já interditada, e por último com a própria gestão municipal (prefeito e secretários) a fim de discutir formas e meios de solucionar o problema. Destaca-se que criar uma comunidade de aprendizagem implica em conhecer o entorno da escola/instituição e seus possíveis espaços, potencialidades e parceiros. Construindo um ambiente educativo aberto a todos os interessados em participar e cuidar dele (FUNDAÇÃO SICREDI, 2008).

Dessa forma a expedição investigativa ancorada no espaço de investigação (museu) possibilitou a produção de outras formas de pensar tanto para o espaço quanto para a prática curricular, indiciando a ideia de que o conhecimento das disciplinas poderia ser direcionado também para a compreensão de uma finalidade social. Assim, a escrita de um projeto e a busca de sua execução seria entrelaçado a amarras contextualizadas e a conhecimentos científicos validando ou refutando informações num caminho que possibilite o diálogo entre escola, cooperação e ações de cidadania.

Porém todo o diálogo e atividades oportunizadas no encontro formativo foi somente um meio de vivenciar aquilo que deveria ser conduzido explorado junto aos alunos. Conseqüentemente as férias terminariam na expectativa dos desafios que estariam por vir durante o ano letivo que se iniciava, no direcionar aos extremos de uma concepção de ensino crítica e transformadora por meio da prática de projetos.

3. O CONSTRUIR DE UM PROJETO EM CONTEXTO ESCOLAR: UMA AÇÃO POSSÍVEL

Ao se enfatizar a necessidade de se trabalhar em contexto escolar ativamente com questões sociopolíticas (ativismo-sociopolítico) nos defrontamos com mudanças. Tais alterações são condizentes ao extremo das concepções críticas e transformadoras (RICHTER, 2017) e não obstante a trivial relação entre Professor, Aluno e Escola.

Vivenciamos a era da informação, na qual nem a escola e nem tampouco o Professor detém o monopólio do saber e assim se fazem querer mudanças há vista de que

o professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar se situar-se nas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. O aluno também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O seu papel lhe impõe-lhe exigências acrescidas. Ele tem de aprender a gerir e a relacionar informações para as transformar no **seu** conhecimento e no **seu** saber. Também a escola tem de ser outra escola. A escola, como organização, tem de ser um sistema aberto, pensante e flexível. Sistema aberto sobre si mesmo, e aberto à comunidade em que se insere (ALARCÃO, 2011, p.16-17 [grifos da autora]).

Ao levar-se em conta a prática de uma cidadania responsável convém falar-se de cooperação, dado que a ação individual é contrária sendo preciso pensar no coletivo como meio de avançar em níveis mais elevados de produções sociais. A própria União Europeia (2015, p.8, tradução própria) salienta que

precisamos de ciência para informar cidadãos e políticos de forma confiável e maneira acessível. Precisamos tomar decisões juntos - ao invés de posições polarizadas -e assumir a responsabilidade por essas decisões, com base em evidências científicas sólidas.

Consoante de que tratar da temática cooperação em contexto escolar é primeiro pensar na formação humanística, tendo em vista que nascemos em um dado contexto social e que nele nos constituímos estabelecendo relações que se tornam significativas para nossa vivência (LEITE, RADETZKE, 2017). A escola como um espaço de sistematização, organização e discussão deve priorizar por essas relações uma vez que são contribuintes da formação do sujeito. Dessa forma, assumir a cooperação como meio de produção de conhecimento é em primeiro lugar elevar a dimensão humana de formação do sujeito.

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

O trabalho em grupo não anula a posição individual, mas a complementa em meio a outras num processo formativo com consciência coletiva e democrática de modo que o trabalho em grupo cooperativo supõe que “o pensamento é individual, mas se constrói no diálogo; [...] que a responsabilidade é individual, mas só se exercita em cooperação; que o esforço é individual, mas o êxito compartilhado” (FUNDAÇÃO SICREDI, 2008, p.11).

Dessa maneira a causa maior do trabalho cooperativo é pela ampliação das aprendizagens e das ações a serem oferecidas a sociedade. Assim, convictos de que o programa A União Faz a Vida tem por desafio a formação de cidadãos capazes de empreender e construir coletivamente (FUNDAÇÃO SICREDI, 2008) os alunos do 8º e 9º anos após diálogo sobre as concepções e objetivos do programa foram instigados a selecionarem um local para a realização da expedição investigativa, deixando-se a eles o livre critério para a escolha.

Para a surpresa a escolha foi à própria Escola. Uma indicação sinalizada pelo grupo tendo em vista de que o endereço e prédio da escola são novos e portanto carecem de organização principalmente em termos de pátio, quadra de esportes e mesmo de acessibilidade. Os alunos se mobilizaram frente à metodologia do programa A União Faz a Vida tendo a própria comunidade, em que se encontra inserida a escola, como espaço para a expedição investigativa buscando por questões acerca do que se tem no lugar, em busca de ideias para implementação na escola, identificando aspectos que estariam faltando na escola como jardim, cantina, internet, lixeiras, assentos para recreação, pintura da quadra de esportes entre outras demandas.

A metodologia do programa instiga a criação de projetos num viés de ação para com as situações/demandas encontradas. Tal metodologia proporciona um ambiente favorável de produção do saber, uma vez que as temáticas são escolhidas juntamente com os alunos possibilitando a esses o envolvimento, valorizando suas opiniões e construindo espaços de trocas de conhecimento no viés da cidadania democrática.

O conceito de cidadania nas palavras de Freire (1996) aponta para a ação de apropriação da realidade para nela atuar, e nessa direção o que se espera durante a

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

expedição investigativa é a apropriação da realidade visando aspectos que necessitam de atuação. Entendemos que a atuação pela atuação sem enriquecimento teórico e científico pouco contribui para a produção de conhecimentos que de fato propiciem para feitos para uma cidadania responsável. Dessa maneira também é objetivo da metodologia do programa A União Faz a Vida o envolvimento com a comunidade de aprendizagem (aprender com o outro, com a vida, com o mundo) e com o currículo (conhecimentos escolares). Assim as situações decorrentes foram objetivo de estudo também na sala de aula ao relacionar-se a temática em estudo com conceitos disciplinares, no qual as situações decorrentes do projeto tornam-se veio de motivação em sala de aula.

Destaco que o desenvolvimento do Projeto está em andamento e que esta sendo procurado trabalhar nas disciplinas temáticas como: tipos de plantas, composição do solo, textos de divulgação, gastos e recursos financeiros, história e localização da própria localidade, práticas esportivas ao ar livre, meio ambiente, saúde, qualidade de vida, plantas medicinais entre tantas outras temáticas que possuem relação intrínseca com o desenvolvimento do projeto.

Assim, durante as discussões situações do contexto foram à base para os diálogos, relacionando conhecimento científicos os quais foram sendo recontextualizados pela professora e alunos para produção do conhecimento escolar.

a produção de conhecimento na escola não pode ter a ilusão de construir uma nova ciência, ao deturpar a ciência oficial, e constituir-se em obstáculo ao desenvolvimento e compreensão do conhecimento científico, a partir do enaltecimento do senso comum. Ao contrário, deve contribuir para o questionamento do senso comum, no sentido de não só modificá-lo em parte, como limitá-lo ao seu campo de atuação (LOPES, 1999, p.24).

Concomitantemente ao estudo de tais temáticas junto ao currículo escolar, os alunos como viés de recursos estão realizando rifas além de buscarem doações junto à comunidade. A comunidade de aprendizagem irá envolver o setor da agricultura do próprio município. Assim, a escrita desenvolvida é um convite a repensarmos a atuação da escola no ambiente social, suas ações e contribuições. Tendo em vista que a educação

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

científica tem muito a contribuir para uma cidadania cada vez mais responsável promovendo a trivial relação entre escola, inovação e ações de cidadania.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tratar sobre ações vinculadas ao ativismo- sociopolítico (SCHEID, 2016) foi o cerne da escrita, principalmente quando direcionada atenção ao contexto brasileiro que possui os meios para execução sendo carente da funcionalidade prática. Assim a metodologia do programa A União Faz a Vida foi usada como exemplo para promover ações de uma cidadania responsável.

Ações essas que requerem mudanças em contexto escolar ao pensarmos na pessoa do Professor, do Aluno e da Escola. Todos engajados na busca pela relação entre escola, inovação e cidadania são os anseios de uma concepção de ensino que se volta para o crítico e transformador. Apontado também como um objetivo internacional a Educação Científica para todos e para sempre é um meio pelo qual as práticas pedagógicas precisam ser direcionados a fim de um ensino de qualidade e desafiados a contribuições no âmbito social.

5. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília/DF, 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretária do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília/DF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília/DF, 2013.

_____. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9.394/96**. Brasília/DF, 1996.

Vol. 2, n. 3 - Edição Especial: Ciclos Formativos em Ensino de Ciências.

FUNDAÇÃO SICREDI. **Programa a união faz a vida:** vivenciando trajetórias cooperativas. Fundação SICREDI (coord.). Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, F de. A.; RADETZKE, F.S. Contextualização no ensino de ciências: compreensões de professores da educação básica. **VIDYA**, v. 37, n. 1, p. 273-286, 2017.

LOPES, A. C. **Conhecimento Escolar:** ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

REIS, P. Ciência e Controvérsia. **REU**, v.35, n.2, p. 9-15, 2009.

_____. Da discussão à ação sociopolítica sobre controvérsias sócio-científicas: uma questão de cidadania. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v.3, n.1, p. 1-10, 2013.

SCHEID, N.M.J. SOU CONSUMIDOR: logo, existo! Implicações para a educação científica. In: BONOTTO, D de. L.; LEITE, F de. A.; GÜLLICH, R.I da. C. (Org.).

Movimento formativos: desafios para pensar a educação em ciências e matemática. Tubarão: Copiart, 2016, p. 93-112.

UNIÃO EUROPEIA. **SCIENCE EDUCATION for Responsible Citizenship.** 2015. Disponível em:

[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Science%20education%20for%20responsible%20citizenship%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Science%20education%20for%20responsible%20citizenship%20(1).pdf). Acesso em: 25 abr. 2019.

RICHTER, E et.al. Ensino de zoologia: concepções e metodologias na prática docente. **Ensino & Pesquisa.** Paraná, v.15, n. 1, p. 27-48. 2017.